

## **CURRÍCULOS QUE RUBRESCEM: PERFORMANCE CARTOGRÁFICAS E CONFLUÊNCIAS COM A ACEROLEIRA NO ENSINO DE BIOLOGIA EM TEMPOS DE ANTROPOCENO**

## **CURRICULA THAT BLUSH RED: CARTOGRAPHIC PERFORMANCES AND CONFLUENCES WITH THE ACEROLA TREE IN BIOLOGY EDUCATION IN THE AGE OF THE ANTHROPOCENE**

## **CURRÍCULOS QUE ENROJECEN: PERFORMANCE CARTOGRÁFICAS Y CONFLUENCIAS CON EL ACEROLERO EN LA ENSEÑANZA DE LA BIOLOGÍA EN TIEMPOS DEL ANTROPOCENO**

*Lara de Souza Bessa<sup>1</sup>, Franklin Kaic Dutra-Pereira<sup>2</sup>*

### **Resumo**

Este trabalho propõe um rompimento com os modelos hegemônicos e tecnicistas do ensino de Biologia, por meio de uma experiência sensível, poética e situada envolvendo uma aceroleira presente no quintal. A cartografia é aqui mobilizada como metodologia e as fabulações como práticas de envolvimento, produzindo um percurso rizomático que entrelaça botânica, arte, currículo e território. Assim, o texto insere-se no campo do Ensino de Biologia, especialmente nas discussões sobre educação ambiental, Antropoceno, Estudos Culturais e formação docente, propondo práticas curriculares sensíveis que reconhecem o território e a vida como potências pedagógicas. Através de quatro fotoperformances: ofertar, figurar, oracular e nutrir; a acerola aparece não apenas como objeto de estudo botânico e fonte de vitamina C, mas como mestra, oráculo e símbolo de abundância, estética e potência pedagógica. Enraíza-se, assim, uma epistemologia que reconhece corpo, chão e sensopercepção como espaços legítimos de aprendizagem. A valorização da flora local, aliada à expressividade artística e à força fabulatória, abre possibilidades para um ensino de Biologia criativo, afetivo e conectado às realidades vividas. Ensinar se torna ato de partilha e de cuidado, em confluência com o que a terra dá e com o que a terra quer, em sintonia com as forças vitais que resistem à fantasmagorização da vida e em diálogo com as urgências de adiar o fim do mundo e de ficar com o problema. Assim, o currículo rubrescente – fabulado com a aceroleira – se afirma como prática de reencantamento e insurgência que, em meio às ruínas do Antropoceno, insiste em cultivar mundos possíveis: começo, meio, começo.

**Palavras-chave:** Caatinga; Formação Docente; Educação Ambiental; Cartografia; Performance.

### **Abstract**

This work proposes a break with hegemonic and technocratic models of Biology teaching through a sensitive, poetic, and situated experience involving an acerola tree in the backyard. Cartography is mobilized as a methodology, and fabulations as engagement practices, producing a rhizomatic path that intertwines botany, art, curriculum, and territory. Thus, the text is situated within the field of Biology Education, especially in discussions about environmental education, the Anthropocene, Cultural Studies, and teacher training, proposing sensitive curricular practices that recognize territory and life as pedagogical potentials. Through four photo-performances: offering, representing, oracularizing, and nourishing; the acerola appears not only as an object of botanical study and a source of vitamin C, but as a teacher, oracle, and symbol of abundance, aesthetics, and pedagogical power. An epistemology is thus established that recognizes body, ground, and sensory perception as legitimate spaces for learning. The appreciation of local flora, combined with artistic expressiveness and storytelling power, opens possibilities for a creative, affective, and lived-relevant approach to Biology education. Teaching becomes an act of sharing and care, in confluence with what the land gives and what the land wants, in tune with the vital forces that resist the phantasmagorization of life and in dialogue with the urgencies of postponing the end of the world and of remaining with the problem. Thus, the rubrescent curriculum – fabled with the acerola tree – asserts itself as a practice of re-enchantment and insurgency that, amidst the ruins of the Anthropocene, insists on cultivating

<sup>1</sup> Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, BA, Brasil. E-mail: laradesouzabessa@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: franklin.kaic@academico.ufpb.br



possible worlds: beginning, middle, beginning.

**Keywords:** Caatinga; Teacher Training; Environmental Education; Cartography; Performance.

### Resumen

Este trabajo propone una ruptura con los modelos hegemónicos y tecnocráticos de enseñanza de la Biología a través de una experiencia sensible, poética y situada que involucra una acerola en el patio trasero. La cartografía se moviliza como metodología y las fabulaciones como prácticas de participación, produciendo un camino rizomático que entrelaza la botánica, el arte, el currículo y el territorio. Así, el texto se sitúa en el campo de la Educación en Biología, especialmente en las discusiones sobre la educación ambiental, el Antropoceno, los estudios culturales y la formación docente, proponiendo prácticas curriculares sensibles que reconocen el territorio y la vida como potenciales pedagógicos. A través de cuatro fotos performances: ofrenda, representación, oracularización y nutrición; la acerola aparece no solo como objeto de estudio botánico y fuente de vitamina C, sino como maestra, oráculo y símbolo de abundancia, estética y poder pedagógico. Se establece así una epistemología que reconoce el cuerpo, el suelo y la percepción sensorial como espacios legítimos para el aprendizaje. La apreciación de la flora local, combinada con la expresividad artística y el poder narrativo, abre posibilidades para un enfoque creativo, afectivo y vivencial para la enseñanza de la Biología. La enseñanza se convierte en un acto de compartir y cuidar, en confluencia con lo que la tierra da y lo que la tierra desea, en sintonía con las fuerzas vitales que resisten la fantasmagoría de la vida y en diálogo con las urgencias de posponer el fin del mundo y de permanecer con el problema. Así, el currículo rubrescente – famoso por la acerola – se afirma como una práctica de reencantamiento e insurgencia que, entre las ruinas del Antropoceno, insiste en cultivar mundos posibles: principio, medio, principio.

**Palabras clave:** Caatinga; Formación del Profesorado; Educación Ambiental; Cartografía; Performance.

## 1. Entre a botânica e a fabulação: caminhos para introduzir a pesquisa

Quando criança, atravessava o quintal ainda sonolento, de pés descalços no chão quente de areia batida, no sertão que produz vida(s). O sol do sertão já nascia forte, iluminando o verde intenso da aceroleira no muro da minha casa. Estavam lá, o mamoeiro, o limoeiro, a goiabeira... a aceroleira sempre fisgava minha atenção pelo vermelho das frutas, mas também pelo grito de ordem: “cuidado com a aceroleira porque ficará se coçando”, dizia sempre minha mãe. Por esse motivo, eu me aproximava devagar, quase em segredo, como quem fosse visitar uma amiga. Os galhos baixos pareciam sempre estendidos para mim, carregados de frutos vermelhos que brilhavam sob a luz da manhã.

Esticava o braço e a sensação era de conquista: dedos pequenos escolhendo cuidadosamente a acerola mais madura, aquela que se deixava soltar com facilidade, quase caindo na palma da mão. O primeiro gosto era sempreagridoce, uma explosão de acidez que fazia os olhos se apertarem, mas que logo vinha acompanhada de uma alegria incontrolável, um riso que se confundia com careta.

Às vezes, ciente de que eu deveria ter cuidado, minha mãe aparecia na porta, pedindo que eu juntasse mais algumas para fazer o suco. Eu corria entre os galhos, colecionando acerolas no fundo da camisa erguida como bolsa improvisada. Cada fruto carregado era promessa de copo gelado no almoço, quando o calor do meio-dia se tornava quase insuportável. Entre gargalhadas, arranhões nos braços e manchas vermelhas nas roupas, a aceroleira era testemunha cúmplice das infâncias inventadas.

E, no silêncio das tardes, quando todos já estavam dentro de casa, eu me deitava sob sua sombra, olhando para o céu por entre os galhos, como se o mundo fosse apenas aquilo: um quintal, um pé de acerola e o tempo



preguiçoso, escorrendo entre frutos vermelhos que nunca se cansavam de nascer. (Escrita do segundo autor, quando afetado com as cenas cotidianas da acerola, 2025).

A aceroleira é presença íntima nos quintais do Nordeste brasileiro. No semiárido baiano onde habita a primeira autora deste texto e no sertão paraibano onde é nascido o segundo autor, ela se faz cotidiana, cresce com naturalidade ao lado das casas – entre paredes e cercas – onde o solo quente e o sol abundante lhe são aliados. No terreno onde a autora vive, convivem duas árvores: uma à frente, acolhendo quem chega; outra no fundo, em diálogo com a terra mais reservada do quintal.

Originária das ilhas do Caribe, da América Central e do norte da América do Sul (Ritzinger; Ritzinger, 2011), a aceroleira encontrou no Brasil, especialmente na região Nordeste, um ambiente fértil para se enraizar. Planta do calor, floresce em climas tropicais entregando seus frutos com generosidade nas estações quentes, como se respondesse, com delicada firmeza, aos ritmos da natureza local.

Sua origem não é só geográfica: é também imaginária. Em cada fruto vermelho pulsa um pedaço de travessia histórica, de diáspora vegetal que desembarca e se reinventa. No Nordeste, a aceroleira se torna outra: híbrida, mestiça, reterritorializada, como diriam Deleuze e Guattari (2011). Não mais estrangeira, mas filha do calor sertanejo, íntima das panelas de alumínio e dos copos de plástico cheios de suco servido às pressas.

Mas ela não é apenas árvore, é também memória, como vimos na escrita que introduz este artigo. Cada galho carrega histórias de infância, de mãos pequenas que se esticam para colher frutos ainda verdes, de vizinhos que compartilham safras fartas, de pessoas que transformam a polpa ácida em sucos refrescantes. É no simples gesto de chupar uma acerola ao pé da árvore que se desenha uma cartografia afetiva: linhas de desejo, de nutrição, de pertencimento ao lugar.

Do ponto de vista botânico, a aceroleira integra o vasto grupo das angiospermas (plantas completas, cujas estruturas se entrelaçam em um ciclo de vida fecundo e harmonioso). Suas raízes fincam-se no chão, em busca de água e sustento; o caule sustenta a arquitetura da planta; as folhas respiram luz e trocam sopros com o ar; as flores anunciam a fecundidade que, mais tarde, se concretiza nos frutos – guardiões das sementes e do embrião que carrega a promessa de continuidade.

A acerola, pequena no tamanho, mas imensa em potência, destaca-se como uma das mais ricas fontes naturais de vitamina C, com concentrações significativamente superiores às encontradas em frutas mais conhecidas por esse nutriente (Matsuura, 2001). Essa abundância nutritiva despertou o interesse de diversos setores, atravessando os quintais populares e alcançando os olhares atentos de produtores, extensionistas e empresários do agronegócio, que passaram a ver na aceroleira não apenas um fruto do cuidado cotidiano, mas também uma promessa de mercado (Freire *et al.*, 2001).

A aceroleira, nesse sentido, é mais que botânica; é política do cotidiano. Sustenta a resistência de famílias que, em tempos de seca, encontram nela uma vitamina vital, um alimento barato, um refúgio para a fome. É também prática pedagógica: ensina sobre ciclos, sobre paciência, sobre a espera pelo amadurecimento. Ensina ainda sobre cuidado, já que suas raízes pedem atenção, sua poda exige delicadeza e seus frutos convidam ao uso coletivo.

Cartografar a aceroleira é, portanto, cartografar modos de viver no semiárido e no sertão. Ela atravessa o chão duro, abre caminho entre pedras, cria frestas onde parecia não haver possibilidade de vida. E, com isso, faz vibrar o que Suely Rolnik (2016) chamaria de forças vitais, afirmando uma potência de existir que resiste às lógicas de escassez e às narrativas de falta que tanto marcam a região Nordeste.

E se a ciência a descreve em manuais técnicos, com binomiais e índices de acidez, a vida a reinscreve em outros mapas: o da infância, o da saudade, o da partilha. Cartografia que não se fecha, mas que se espalha com as sementes levadas pelo vento, pelos pássaros, pelas mãos humanas que plantam sem pedir licença. Assim, a aceroleira não é apenas planta: é quintal, é corpo, é política de sobrevivência, é poética do comum. É linha que atravessa vidas e tempos, um rizoma (Deleuze; Guattari, 2011) vermelho que se multiplica, insistindo em brotar onde a terra parece não querer nada.

Ao longo de diversas lunações, a primeira autora observou um padrão que se repetia com encantadora precisão: durante as Luas Novas, o pé de acerola de sua casa se cobria de frutos, como se respondesse silenciosamente ao chamado dos ciclos celestes. Em cada renovação da lua, uma nova abundância se anunciaava. A fartura era tamanha que se desdobrou em múltiplas formas de alimento: preparo de sucos frescos e de geleias densas, oportunidade de saborear frutos *in natura* e de compartilhar essa generosidade com os passarinhos, os insetos e até com o solo, que acolheu as acerolas em decomposição, como oferenda fértil e adubo para os dias futuros.

Com sua coloração vermelho-brilhante, morfologia globosa e aroma cítrico inconfundível, a acerola se impõe não apenas como objeto de estudo botânico, mas também como presença estética. Sua beleza sensorial transcende a descrição taxonômica e convida à aproximação sensível, despertando sentidos que tocam outras linguagens, como as artes visuais e performativas. A cada fruto colhido, instaura-se uma cena: uma dramaturgia do cotidiano, em que o corpo aprende biologia não pelos livros, mas pela boca que se contrai ao sabor ácido, pela pele que sente a aspereza da folha, pelo ouvido que reconhece o canto dos pássaros atraídos pela árvore.

Foi nesse entrelaçamento entre ciência e sensibilidade que nasceu o desejo de performar com as acerolas. Estas se tornaram protagonistas de uma poética visual que busca reconhecer, nas formas simples da natureza, o extraordinário do singelo através de *fotoperformances*. Ao localizar a acerola no espaço da arte, afirmamos seu valor não apenas como fruto nutritivo, mas como signo de presença, território e possibilidade de encantamento. A *performance*, aqui, não é espetáculo distante, mas acontecimento cotidiano: o corpo em relação com o fruto, a árvore em diálogo com a lua, a vida em comunhão com os ritmos cósmicos (Martins, 2021).

Relacionar *performance* e aceroleira é um “pouco de possível” (Deleuze, 1992, p. 131) para fabular respostas diante do Antropoceno. Vivemos em um tempo em que o futuro do qual se falava já nos alcançou, com catástrofes ambientais cotidianas: enchentes, secas, fumaças, pandemias... Essa época geológica emergiu quando a intervenção humana passou a alterar intensamente a atmosfera, a biosfera e a geosfera, a ponto de ser proposta – por Crutzen e Stoermer, no início dos anos 2000 – como uma nova época estratigráfica, uma vez que atividades industriais deixavam marcas (químicas e materiais) profundas em todos os sistemas terrestres (Marras; Taddei, 2022).

O ensino de Biologia, historicamente, é marcado por perspectivas hegemônicas e tecnicistas, que reduzem os seres vivos a objetos de estudo e a processos descritivos. No entanto, diante do cenário climático do Antropoceno (Tsing, 2019; Dutra-Pereira, 2025), urge repensarmos nossas práticas educativas, deslocando-as para uma dimensão mais situada, sensível e multiespécie. Nesse sentido, a aceroleira – em sua potência cotidiana – nos lembra que a vida pulsa mesmo em territórios de escassez, abrindo frestas para aprendizagens que não se separam da experiência vivida e da estética dos encontros.

Assim, armamos uma proposta que articula botânica, arte e fabulação, na medida em que tais linguagens não apenas sensibilizam, mas também deslocam a Biologia de uma posição de neutralidade para uma disposição ética e política, conectada à vida e às urgências do presente. Em consonância com Krenak (2019), inventamos paraquedas coloridos para adiar o fim do mundo, ou ainda, como sugere Suely Rolnik (2018), criamos esferas de insurreição que desestabilizem regimes de exploração da vida.

Diante desse cenário, algumas questões emergem para (re)pensarmos as pistas e outros possíveis em tempos tão contraditórios: como a observação e a *performance* com a aceroleira podem inspirar um ensino de Biologia que fabula mundos possíveis, em meio às ruínas do Antropoceno? De que modo as práticas sensíveis e artísticas, quando integradas ao ensino de Ciências, podem ampliar a compreensão das interdependências multiespécies e do cuidado coletivo? Que aprendizagens se produzem quando reconhecemos que plantas, frutos e territórios não são apenas objetos, mas sujeitos com quem podemos aprender? É possível ensinar Biologia como experiência encarnada, atravessada pela pele, pelo olhar e pela memória (e não apenas como disciplina conceitual e técnica)?

Assim, esse texto se preocupa em romper com os ensinamentos conservadores que ainda predominam no ensino de Biologia, propondo uma educação que se enraíza na experiência vivida, nos territórios do cotidiano e na escuta atenta dos seres vivos que nos cercam. A partir da observação sensível de uma aceroleira – corpo vegetal presente, frutífero e vizinho – se percebe que é possível (re)aprender Biologia com os próprios olhos, mãos e afetos, em diálogo com o que brota ao nosso redor. Assim, ensinar Biologia com um pé de acerola é, ao mesmo tempo, gesto poético e gesto político: uma prática de fabulação em meio às ruínas, uma pedagogia do cuidado e da partilha, que insiste em germinar mundos férteis diante do novo regime climático.

## 2 Cartografias do envolvimento: a aceroleira e fabulações performáticas

A cartografia emerge nesta pesquisa por ser uma metodologia que permite não apenas trilhar um caminho, mas vivenciá-lo em sua inteireza. Inspirada pelas correntes pós-estruturalistas, que compreendem a realidade como uma tessitura social e subjetiva (Cassali; Gonçalves, 2018), a cartografia não se apresenta como um método fixo ou acabado, mas como um corpo em movimento: se faz no percurso, revela-se no gesto, transforma-se no encontro.

É uma metodologia que se deixa afetar, que escuta os silêncios e as intensidades do caminho, carregando consigo o compromisso ético-político de apontar as normalizações que sustentam o sistema racista, machista, classista e *cisheteronormativo* que nos atravessa. Nesse sentido, a cartografia não apenas traça rotas, mas também inscreve rupturas, abrindo caminhos para modos outros de existir, conhecer e ensinar, especialmente aqueles que nascem da pele, do chão, do afeto e da resistência.

A partir de Deleuze e Guattari (2011), Dutra-Pereira (2025a, p. 8) nos chama a pensar que

A cartografia captura o movimento da construção coletiva [...], enfatizando as ressonâncias e os efeitos que [...] provocam. Diferente de uma pesquisa que busca explicar causas e efeitos lineares, a cartografia permite uma leitura dos processos em suas dinâmicas singulares que acompanham as transformações e deslocamentos de cada produção, deixando transparecer as múltiplas influências que constituem [...].

Sendo assim, a cartografia não é apenas escolha metodológica, mas condição de existência dessa pesquisa. Trata-se de um modo de caminhar com o território, deixando-se afetar por ele e reconhecendo que o conhecimento não é algo dado previamente, mas produzido no entre. Por esses motivos, Deleuze e Guattari (2011, p. 31) já afirmavam que “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*”.

Foi nesse *intermezzo* – entre corpo e fruto, entre ciência e arte, entre quintal e cosmos – que se moveu a nossa investigação. A pesquisa se fez como percurso rizomático, sem linearidade ou plano prévio. Ao invés de etapas rígidas, houve ramificações, desvios e reencontros que se assemelham às raízes de uma planta que, ao buscarem água e nutrientes, não seguem uma hierarquia única, mas exploram múltiplas direções. Como lembram os referidos filósofos: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (Deleuze; Guatarri, 2011, p. 24). Assim, as conexões entre botânica, memória, estética e fabulação foram inevitáveis e, portanto, constitutivas do método.

As quatro *fotoperformances* foram realizadas no quintal da residência da primeira autora, constituindo-se como registros estéticos que compõem o próprio movimento metodológico-cartográfico-rizomático-invencionista da pesquisa. Não emergiram de roteiros previamente

definidos, mas da escuta atenta ao tempo da planta e aos acontecimentos do cotidiano. Como observa Ferraço (2007, p. 82), “o fato de situarmos nosso estudo nessa dimensão das singularidades dos acontecimentos e dos sujeitos cotidianos não significa um reducionismo da complexidade requerida pelas questões afins aos currículos praticados ou realizados [...]”

Assim, ao colher acerolas sob a Lua Nova – ofertando frutos às lentes de Sávia Luz Cabocla (que, pela câmera, ampliou o que acontecia) e com Brenda Mariana (que teceu as imagens na montagem) – foram se materializando mapas vivos. Cartas-grafias que não apenas representam, mas, como dizem Deleuze e Guattari (2011, p. 20), “constroem o inconsciente” e abrem espaço para novas formas de conhecer, fabular e existir entre o humano e o vegetal.

Desse modo, cada *performance* foi uma experimentação rizomática, caracterizadas pelos respectivos movimentos:

1. OFERTAR: as mãos ofereceram acerolas não como sobra, mas como partilha, atualizando a concepção de que o rizoma não se fecha em si mesmo, mas se expande por linhas de vizinhança e contágio. Esse gesto singelo se tornou prática metodológica de envolvimento com o território.
2. FIGURAR: ao mostrar o corpo como entidade da caatinga, reencanta a relação com a botânica e performa outro modo de ensinar Biologia: não apenas pela nomenclatura taxonômica, mas pelo corpo que fabula e se deixa transformar.
3. ORACULAR: ao cobrir os olhos com a acerola, fabula a fruta como oráculo, lente e mestra. Metodologicamente, esse gesto representa o deslocamento do olhar científico que concebe a planta como objeto, reconstituindo-a como sujeito de aprendizagem.
4. NUTRIR: ao ingerir a acerola diante da câmera, não se realiza apenas uma ação nutricional, mas inscreve-se a aceitação da vida como encontro multiespécie, afirmando que “o rizoma é um sistema acentrado, não hierárquico, sem significante geral nem memória organizadora” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 31).

Mesmo tendo feito essa descrição, recomendamos que tais movimentos performáticos não sejam lidos como etapas cronológicas, mas como acontecimentos que se interconectam, reverberando entre si e com o território. Essa atitude se faz necessária, uma vez que a investigação aqui narrada não se faz sozinha, mas como rizoma coletivo, em que cada contribuição abre novas linhas de fuga (Rolnik, 2018). Nesse rizoma, envolver-se com a aceroleira significou assumir a confluência como prática metodológica no Ensino de Biologia, em sintonia com o que propõe Nêgo Bispo (Santos, 2023).

Envolver-se é mais do que observar ou registrar a árvore: é deixar-se atravessar por sua abundância, reconhecer que seus frutos não pertencem apenas a quem os colhe, mas a todos os seres que deles se alimentam, inclusive o solo que os acolhe em decomposição. Nesse sentido, a pesquisa não se constrói à distância, mas no contato direto com o território e suas pulsações. Assim, a aceroleira não foi objeto a ser estudado, mas mestra e parceira de conhecimento,

convocando uma metodologia que fabula e partilha. Ao performar com ela, assumimos a ética da confluência indicada por Bispo dos Santos, na qual o saber se produz no entrelaçamento das vidas e no reconhecimento de que “Orgânico é aquilo que todas as vidas podem acessar. O que as vidas não podem acessar não é orgânico, é mercadoria, com ou sem veneno.” (Santos, 2023, p. 66).

Envolver-se é reconhecer que o conhecimento não se separa do território que o gera. É admitir que cada fruto ofertado pela planta é também chamado a partilhar, a aprender e a ensinar com a coletividade que dele se nutre. Assim, a metodologia se fez em coabitacão com humanos e não humanos, em diálogo com a abundância e a devolução da terra, com a poética do cuidado e com a insurgência dos corpos que resistem no cotidiano. Nesse sentido, as *performances* não apenas narram uma experiência, mas instauram um campo de fabulações onde ciência, arte e política se entrelaçam, insistindo em afirmar a Biologia como prática de vida que se reinventa no encontro.

Dessa forma, a nossa metodologia se concretizou como travessia performática e fabulatória. Foi fabulação porque imaginou mundos possíveis em meio às ruínas do Antropoceno, tempo em que as ações humanas se tornaram força geológica reveladoras dos limites do modelo civilizatório moderno (Crutzen; Stoermer, 2000; Steffen *et al.*, 2015). Foi performática porque produziu conhecimento em ato, no corpo em movimento, reconhecendo que pensar e viver se misturam quando o chão do planeta se altera.

Nesse cenário, o Antropoceno convoca o ensino de Biologia a reinventar suas narrativas, deslocando-se de uma ciência distanciada para uma ciência implicada, capaz de escutar a Terra e suas multiespécies, como propõem Leff (2009) e Loureiro (2019). Ao fabularmos com uma aceroleira, inscrevemos o ensino de Biologia em uma pedagogia do sensível, feita de interrupções, retomadas e reinvenções constantes e que responde poeticamente às urgências planetárias do Antropoceno.

A cartografia, em tal contexto, tornou-se mapa aberto: rizoma que se expandiu pela pele, pelo olhar, pela memória e pela política do quintal. Como indicam Deleuze e Guattari (2011, p. 16), “um rizoma pode ser rompido, interrompido em qualquer lugar, mas retoma segundo uma ou outra de suas linhas”. Assim, nas linhas que se seguem, compartilhamos os desdobramentos de uma experiência sensível e encarnada: quatro *fotoperformances* concebidas no quintal de uma casa, entre as folhas, os ventos e os frutos generosos dos pés de acerola. Registros gestados no cotidiano, na terra molhada, na escuta do tempo da planta (e não em estúdios, com o apoio de roteiros rígidos).

### 3. *Performances* cartográficas e confluências com a aceroleira

Na primeira *fotoperformance* (Figura 1) as mãos ofertam o fruto. Não porque sobra, mas porque ele transborda. O gesto da oferta não é caridade, é partilha ancestral, é vínculo com o que atravessa. O fruto está disponível a todos os seres que porventura se cruzem no caminho.



A gente conflui, transflui e confluui, em um movimento distinto da linearidade colonizadora dos povos que recusam o fluxo e tentam conter a vida em linearidades (Santos, 2023).

**Figura 1:** abundância.



**Fonte:** Sávia Luz Cabocla, 2025

A prática de ofertar acerolas reinscreve o cuidado como possibilidade metodológica. Como nos lembra Krenak (2019, p. 30), precisamos “criar paraquedas coloridos para adiar o fim do mundo”. Oferecermos tais frutos não se trata de caridade, mas de afirmarmos a partilha como ética de convivência, que reverbera tanto na ecologia quanto na pedagogia. Compartilharmos o alimento com pássaros, insetos e pessoas revela que o ensino de Biologia pode ser espaço de reencantamento do mundo, onde aprender significa também cuidar, cultivar e devolver.

Sendo assim, lembramos de Deleuze e Guattari (2011, p. 31) ao nos dizerem que “o rizoma é feito apenas de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linhas de fuga ou de desterritorialização”. Nesse sentido, a partilha das acerolas se configura como linha de fuga que rompe com a lógica da acumulação, inaugurando outra territorialidade: a da generosidade e da confluência. Por isso apostamos que a Biologia ensinada não se reduz a estruturas e funções, mas se expande como prática de vida em movimento.

Há ainda uma dimensão política e estética, ao ofertarmos acerolas: político porque a oferta da fruta se contrapõe às formas coloniais de expropriação e privatização da terra e de seus frutos; estético, porque reinscreve a beleza sensível da acerola não apenas em sua cor ou sabor, mas no vínculo que ela cria entre corpos. Como escreveu Suely Rolnik (2018), são essas “esferas de insurreição” que alimentam as forças vitais, abrindo espaço para modos de existir não capturados pela lógica da escassez.

Desse modo, a *fotoperformance* “abundância” provoca o ensino de Biologia a não se restringir aos discursos sobre fotossíntese, florescimento ou reprodução das angiospermas, considerando os modos como a vida se distribui e se sustenta no encontro. O que poderia ser

apenas mais uma aula de botânica se expande em uma experiência sensível: aprender que cada fruto devolvido à terra é também adubo; que cada pássaro que se alimenta participa da dispersão de sementes; que a abundância de vitamina C não é apenas dado bioquímico, mas também força política contra a fome.

Ofertarmos acerolas, portanto, é atualizarmos no corpo a própria Biologia: ciclos de energia, trocas de matéria, relações de interdependência, e, sobretudo, do envolvimento, como nos convoca Santos (2023). Neste contexto, a teoria dos fluxos se materializa; a ecologia se faz carne. Ensinar Biologia, a partir daí, é mostrar que o conhecimento está vivo nas práticas de envolvimento, que as explicações dos livros encontram equivalência no quintal e que o reencantamento do mundo é, também, tarefa pedagógica na Educação em Ciências. Ao oferecermos essa fruta, ensinamos e aprendemos simultaneamente: que a terra dá e quer de volta (Santos, 2023), que o conhecimento pode ser também alimento, vida, relação.

A segunda *performance*, na qual o corpo fabula como entidade da caatinga (Figura 2), mostra que o ensino de Biologia não se limita a descrever espécies, podendo ser prática fabulatória. Com Haraway (2023) aprendemos a “ficar com o problema”, cultivando habilidades responsivas multiespécies. Nesse movimento, fabular é método de envolvimento, que reconhece as plantas como mestras e os territórios como currículos vivos. São signos artísticos que se fazem currículo em Biologia (Ferraço; Dutra-Pereira, 2023). Com isso, a aceroleira se torna parceira epistemológica, permitindo imaginar alianças que atravessam as fronteiras entre humano, não humano e pós-humano.

Na Figura 2, a fotografia se desenha em plano médio: o corpo aparece ao fundo, levemente desfocado, adornado como um ser elemental. A composição evoca o mito e a mata, como se a lente tivesse capturado o instante em que uma entidade da caatinga se manifesta para guardar e ofertar os frutos. Aqui é permito fabular, não como fuga da realidade, mas como método de envolvimento (Santos, 2023), como gesto político de reencantamento do mundo.

**Figura 2:** guardiã da acerola



**Fonte:** Sávia Luz Cabocla, 2025

Ao se transformar em um ser mítico, a *performer* torna visível o vínculo com o território e com a narrativa que deseja tecer: as acerolas, mais que frutos, são símbolos de abundância, beleza e magia cotidiana. São ofertadas por mãos que não apenas colhem, mas que reconhecem o valor do que cresce perto. O encantamento, nesse contexto, não é fantasia. É forma de conhecer, cuidar e comunicar o que a ciência, por vezes, não alcança sozinha. É imaginar camadas de mundo onde as narrativas sejam plurais (Krenak, 2022, p. 31):

De ré, poderíamos dizer que no princípio era a folha. Outras narrativas vão dizer que no princípio era o verbo. Outras ainda vão criar paisagens bem diversas, e isso é maravilhoso. Entre tantos mundos, me sinto especialmente tocado pelas histórias que nos aproximam dos seres invisíveis aos olhos turvos de quem não consegue andar na Terra com a alegria que deveríamos imprimir em cada gesto, em cada respiro.

Assim, ao assumirmos o mítico reconhecemos que o ensino de Biologia pode habitar também esses espaços de encantamento e pluralidade narrativa. Fabular com a aceroleira é afirmar que o conhecimento não nasce apenas do laboratório ou do livro, mas também das histórias, dos mitos e dos gestos de partilha que nos conectam ao território.

Sabemos que esse mesmo fruto que convoca narrativas e encantamentos também carrega em si uma potência bioquímica, que a ciência já descreveu minuciosamente. A acerola é reconhecida por sua elevada concentração de vitamina C, nutriente fundamental para o bom funcionamento do organismo e especialmente eficaz na prevenção do envelhecimento precoce da pele. Por ser uma vitamina que pode ser absorvida tanto de forma tópica quanto sistêmica, contribui, entre outros processos, para a síntese e fixação do colágeno no tecido cutâneo (De Santana *et al.*, 2022).

A fabulação não elimina o dado técnico; ao contrário, o amplia e o reinscreve em uma rede mais complexa de sentidos, em que o ato de ofertar e o dado laboratorial caminham juntos como dimensões distintas do mesmo processo vital. Sendo assim, acionamos Deleuze e Guattari (2011, p. 20) a nos lembrem que “o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre si mesmo, ele o constrói”. A *performance*, nesse sentido, é mapa que não nega a ciência, mas a reinscreve em uma trama mais ampla, onde mito e botânica, arte e bioquímica convivem como linhas que se cruzam, se misturam, se reinventam, se reinscrevem como e num rizoma. É nesse movimento rizomático que a fabulação se encontra com a materialidade dos frutos.

A terceira *performance*, “oráculo rubro” (Figura 3), convoca o debate cosmopolítico e anuncia outras lentes possíveis para o ensino de Biologia. Se, como afirmam Deleuze e Guattari (2011, p. 32), “escreve-se com o ouvido, mas também com o olho, com o nariz, com a pele, com a língua”, aqui o saber se escreve com/como o fruto: o oráculo rubro não é adereço, mas dispositivo de visão e de conhecimento. Ao cobrir o olho com a acerola, a *performer* propõe outro mapa, outro modo de ver e de sentir a Biologia e o mundo, sugerindo o envolvimento entre ciência, mito e estética que se entrelaçam como camadas indissociáveis, como nos

convidou Santos (2023). Trata-se de pensarmos a partir do cosmopolítico, assumindo a coexistência de múltiplas ontologias: a ciência que mede, a arte que inventa, o afeto que conecta, a terra que ensina.

Nesse caminhar, o ensino de Biologia não é apenas transmissão de conteúdos, mas disputa de mundos possíveis. Como nos lembra Krenak (2019), precisamos “adiar o fim do mundo” inventando modos de ver e de existir que devolvam encantamento ao cotidiano. A acerola, ao transformar-se em lente, dá a ver aquilo que o olhar disciplinado muitas vezes não percebe: a vida como excesso, como transbordamento. Suely Rolnik (2018) nos ajuda a compreender que esse transbordamento é também força vital, esfera de insurreição contra as capturas do capitalismo extrativista e do olhar colonizador. O oráculo rubro, assim, é maior que o fruto e quiçá que a própria Biologia: é potência epistemológica, é convite para ensinar Biologia com os sentidos e com as insurgências da vida que insiste em brotar.

Por esses motivos, na Figura 3 a acerola é erguida à altura dos olhos, como quem propõe outro modo de ver o mundo. Posicionada como um pequeno oráculo rubro, ela não é apenas fruto: é lente, é sinal, é chave sensível para ampliar a percepção. Ao cobrir o olho com a acerola, a *performer* aciona uma fabulação em que o vegetal se torna mestre: uma entidade silenciosa que ensina não só pela nutrição que oferece, mas pela vitalidade que carrega em sua forma, cor e composição. É como fazer a floresta existir em nós, em nossas casas, em nossos quintais, como nos disse Krenak (2022).

**Figura 3:** oráculo rubro



**Fonte:** Sávia Luz Cabocla, 2025

Assim, a *performer* oferece ao olhar não a nitidez científica apenas, mas a ampliação do sensível. A botânica encontra a mitologia, a nutrição se cruza com o encantamento. O ensino de Biologia, aqui, se faz pela via do corpo que vê, sente e aprende com o que o território frutifica. É nesse atravessamento que nos encontramos com Leda Martins (2021, p. 19), ao afirmar que

[...] no seio mesmo das sociedades ocidentais, sobrevivem outros modos de conceber, experimentar e vivenciar o tempo e, também, de expressá-lo como linguagem. No próprio âmbito da experiência estética da palavra, o tempo ritma uma das mais belas formas de expressão do humano e de transgressão da concepção do tempo como linearidade absoluta, a linguagem poética, seja a da poesia, seja a dos mitos.

Essa cena do “oráculo rubro” (Figura 3), na qual a acerola cobre o olhar, torna visível outro tempo: circular, mítico, poético em que a Biologia não é só explicação causal, mas também encantamento sensível. O fruto diante do olho não é véu, mas lente; não encobre, mas expõe. A fotografia mostra que o corpo pode ser território de fabulação e que a acerola, ao mesmo tempo que ensina sobre dispersão de sementes ou concentração de vitamina C, convoca também os mitos da terra, as histórias ancestrais e a poética do tempo não linear (Martins, 2021).

Realizar e discutir essa *performance* é reconhecer que o ensino de Biologia pode ser rizomático, múltiplo, atravessado por diferentes agenciamentos. É, ainda,

Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com n dimensões, com direções rompidas. Conjugar os fluxos desterritorializados. Seguir as plantas: começando por fixar os limites de uma primeira linha segundo círculos de convergência ao redor de singularidades sucessivas; depois, observando-se, no interior desta linha, novos círculos de convergência se estabelecem com novos pontos situados fora dos limites e em outras direções. Escrever, fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência em uma máquina abstrata. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 28-29).

A Biologia ensinada neste “plano de consistência de multiplicidade” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 25) não é apenas disciplina técnica, mas prática cosmopolítica. Múltiplas ontologias em jogo, uma vez que se agenciam em suas diferenças, a exemplo da ciência que mede, da mitologia que fabula, da estética que convoca e da terra que ensina. O oráculo rubro afirma que nenhuma lente é única e que educar é também disputar mundos possíveis.

Esse movimento, que reconfigura a visão e abre camadas de mundo, prepara a passagem para a quarta *performance*. Se no “oráculo rubro” a acerola se torna lente e epistemologia, na sequência ela será incorporada, tornando-se alimento e ensinamento. Do olhar à boca, da visão ao sabor, a acerola seguirá conduzindo a Biologia por caminhos em que ciência e vida se entrelaçam. Enfim, será ingerida, pois até os seres míticos precisam de nutrição. E, desse jeito, a imagem performática se concretizará: na aceitação do fruto como força vital.

Desse modo, na quarta e última *performance* (Figura 4) a nutrição se torna epistemologia encarnada. O ato de comer o fruto transcende sua dimensão bioquímica e se torna pacto com a terra, gesto de coexistência e de abertura. Ao ingerir a acerola, a *performer* inscreve em seu corpo o que Deleuze e Guattari (2011, p. 16) chamam de linhas de fuga, pois o alimento não apenas nutre, mas reconfigura modos de estar e de ensinar. Ensinar Biologia não é apenas transmitir conceitos, mas permitir que os corpos se transformem pelo contato com o mundo.

[...] como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um agenciamento. Um livro é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade – mas não se sabe ainda o que o múltiplo implica, quando ele deixa de ser atribuído, quer dizer, quando é elevado ao estado de substantivo. Um agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significante, ou bem uma determinação atribuível a um sujeito, mas ele não é menos direcionado para um corpo sem órgãos, que não pára de desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas a-significantes, intensidades puras, e não pára de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como rastro de uma intensidade.

Por esses motivos, na Figura 4 a *performer* é atravessada por tudo aquilo que a acerola contém: sua cor vermelha vibrante, seu sabor ácido e intenso, sua textura pouco carnuda, que protege uma semente poderosa. A fruta não apenas alimenta: ensina, vitaliza, ressignifica. Comer a acerola é experimentar esse agenciamento: a territorialidade da nutrição, da bioquímica e da fisiologia que se entrelaçam com as linhas de fuga do mito, da estética e da fabulação. O corpo humano se desterritorializa ao encontrar-se com a acerola, e, nesse encontro, já não é apenas organismo que metaboliza, mas corpo que aprende, que se abre ao comum.

**Figura 4:** nutrição.



**Fonte:** Sávia Luz Cabocla, 2025

Sendo assim, esse momento performativo marca a fusão entre o corpo simbólico e o corpo biológico. Ingerir a acerola é mais que um ato nutricional, é um pacto com a terra, uma escolha por se deixar atravessar pelo que cresce perto, pelo que se dá sem exigir purezas, pelo que sustenta com simplicidade. A imagem também se abre ao outro: os lábios entreabertos sugerem convite, partilha, comunhão. Diz silenciosamente: você também pode se alimentar comigo.

O ensino de Biologia não se fecha em estratos conceituais, mas se torna agenciamento rizomático, onde o dado bioquímico e a informação estética circulam juntos, criando intensidades de aprendizagem que escapam da rigidez da disciplina. A acerola, ao ser ingerida, desterritorializa a fronteira entre alimento e saber, fazendo da educação uma prática de circulação de potencialidades: a acidez que ativa o corpo, o vermelho que marca a memória, a semente que promete continuidade. Assim, cada fruto comido é também uma linha de fuga, uma ruptura do olhar colonizador que pretende reduzir a vida a funções e classificações.

Ao engolir a acerola, o corpo não apenas metaboliza nutrientes: ele se torna campo de circulação de intensidades, linhas de fuga e agenciamentos que o atravessam. Nesse ato, não há apenas indivíduo que come, mas corpo que se desterritorializa, abrindo-se ao devir-planta, devir-fruto, devir-terra. É nesse sentido que Suely Rolnik (2018) adverte: o perigo não está na morte, mas em uma vida reduzida a fantasma, sem vitalidade criadora. Comer o fruto é resistência contra esse fantasma; é ativar forças vitais, é deixar que a acerola reinscreva no corpo a possibilidade de germinar mundos em meio às ruínas, uma vez que “A vida na terra se apresenta como uma soma de faunas e floras relativamente independentes com fronteiras por vezes movediças ou permeáveis” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 81).

Ao incorporarmos a acerola, assumimos as interdependências multiespécies, como nos convida Haraway (2023), reconhecendo que o que alimenta também é alimentado, que cada semente carregada no interior do fruto é promessa de continuidade e de partilha. O ensino de Biologia, nessa *performance*, é uma experiência na qual

Não sabemos mais muito bem em que ponto estamos. Há tantas coisas em jogo nessas réplicas. Há tantas distinções que não param de proliferar. Há tantos ajustes de contas, pois a epistemologia não é inocente. Aprender que nutrir-se é também um modo de responsabilizar-se pelo mundo comum. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 80).

Assim, a quarta *performance* conclui um percurso que não é linear, mas rizomático: da oferta ao oráculo, do olhar à boca, da estética à bioquímica o ensino de Biologia se reterritorializa como prática de fabulação, de cuidado e de invenção. Nesse entrelaçamento, ciência, arte e política não se separam, mas se tocam na pele, no paladar, no território. A acerola (pequena no tamanho, mas imensa em potência) nos mostra que é possível ensinarmos e aprendermos Biologia com os frutos do nosso quintal, com as nossas memórias, com as nossas fabulações e com a vida que insiste em brotar.

Nesse sentido, a acerola deixa de ser apenas objeto de estudo ou produto da natureza para se tornar sujeito de relação. Ao performarmos esse gesto, aprendemos e ensinamos com ela. Fazemos da alimentação um ato de conexão com a botânica, com o ensino de Biologia e com as epistemologias que não separam o saber do viver. Porque alimentar-se, aqui, é também educar-se no sentido mais radical: deixar-se transformar pelo mundo.

Ao performar com a aceroleira, foi possível deslocar o ensino de Biologia de um regime tecnicista para uma prática sensível, poética e multiespécie. O fruto vermelho que nasceu em ciclos lunares deixou de ser apenas objeto botânico e se tornou mediação para compreender a vida em sua complexidade, convocando corpos humanos e não humanos a partilhar aprendizagens. Nesse sentido, a pesquisa situou-se como experiência que fabulou respostas em meio às ruínas do Antropoceno (Tsing, 2019), produzindo linhas de fuga contra o esvaziamento da vida.

As atuações aqui discutidas sinalizam que ensinar Biologia é também cultivar forças vitais (Rolnik, 2018), adiar o fim do mundo (Krenak, 2019) e aprender a ficar com o problema (Haraway, 2023). Com a aceroleira, a Biologia se reencanta, tornando-se *performance*, prática de invenção e de coexistência em um mundo comum, pois "Orgânico é tudo aquilo que está disponível para todas as vidas" (Santos, 2023).

#### 4. Entre a fabulação e a botânica: o que (ainda) pode ser dito?

Romper com o conservadorismo no Ensino de Biologia exige mais do que novas metodologias: exige coragem política, abertura estética e disponibilidade para fabular e envolver-se com o mundo. Agir com confluência, pois “é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. [...] é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante [...]” (Santos, 2023, p. 4-5).

A confluência, como propõe Nêgo Bispo, é movimento vital que nos convoca a reconhecer a ciência como território compartilhado e não como propriedade de poucos. É nessa energia que o ensino de Biologia pode se reinventar: deixando-se afetar pelos encontros, acolhendo a multiplicidade de vozes, criando espaços em que cosmologia, arte e saber científico se entrelacem. Envolver-se, nesse sentido, é mais do que aplicar métodos ou sequências didáticas; é permitir que os corpos aprendam com a terra, que os currículos se tornem rios em movimento, que os frutos do quintal possam também ser livros abertos de conhecimento.

As quatro *performances* com a aceroleira (ofertar, figurar, oracular, nutrit) mostraram que é possível ensinar Biologia a partir de *práticas pensantes* cotidianas, quando o fruto do quintal se torna currículo que se faz vida. Nessa perspectiva, a Biologia deixa de ser apenas repertório de conceitos, teorias e experimentos, com listagem de competências e habilidades de currículos comuns, afirmando-se como prática de coexistência, de envolvimento, de confluência, de possibilidade de adiar o fim do mundo. Uma *performance* em que cada fruto,

folha e/ou raiz que se integra ao/com o corpo pode ensinar tanto quanto (ou mais?) que um manual didático.

No horizonte do Antropoceno, em que as emergências ambientais nos convocam a habitar ruínas (Tsing, 2019), a aceroleira se torna signo de resistência: insiste em brotar no calor do semiárido, insiste em oferecer abundância em meio à escassez. Ao performar com ela, compreendemos que ensinar Biologia não é apenas explicar fenômenos vitais, mas aprender a viver juntos, cultivar alianças multiespécies (Haraway, 2023) e produzir mundos possíveis em coabitação. Trata-se de recusar a morte vital, a vida fantasmagorizada (Rolnik, 2018), reafirmando o que Krenak (2019) chama de “adiar o fim do mundo”, a partir de modos de encantamento, partilha e cuidado.

Diante disso, a aceroleira passou a ser pedagoga, *performer* e mestra que nos forma com o corpo e no corpo. Se reafirma como rizoma. É cartografia. Ensina a paciência dos ciclos lunares, a generosidade da frutificação, a potência da partilha e a beleza do encantamento. Mostra-nos que a Biologia pode ser aprendida na boca que sente o gosto ácido, no olho que se cobre de vermelho, na pele que toca a folha áspera, no ouvido que escuta o canto dos pássaros atraídos. Cada passo é currículo, cada fruta é aula, cada *performance* é mundo.

Se o Antropoceno parece anunciar o fim, a aceroleira insiste em nos ensinar sobre começos. Como lembra Antônio Bispo dos Santos (2023), “a terra dá, a terra quer”: nada é unilateral, tudo é confluência, tudo é fluxo. Tudo é “começo, meio começo” (Santos, 2023, p. 30). “O nosso movimento é o movimento da transfluência. Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui. A ordem pode ser qualquer uma.” (p. 30). Ensinar Biologia com a aceroleira é também aprender essa lição ancestral: devolver ao solo, compartilhar com os outros seres, reconhecer que só existe vida na partilha.

As expressões artísticas desse processo não são meros ornamentos, mas possibilidades epistêmicas que potencializam a aprendizagem no campo da Biologia. Ao permitir que estudantes vivenciem os conceitos com o corpo, criamos escolas mais frutíferas: espaços em que a linguagem científica pode dialogar com outras linguagens, tornando-se mais acessível, significativa e encantada. É nesse chão que brotam aprendizagens que fazem sentido, porque falam com a alma, com a pele e com o território.

A aceroleira do quintal é exuberante, generosa, compartilhada. Sua frutificação abundante permite preparar sucos, geleias e doces para a família e amigos. Agrada aos pássaros que pousam brevemente, aos insetos que dançaram sobre os frutos, aos seres microscópicos que participaram do seu retorno à terra através da decomposição. Nela, tudo pulsa... tudo vive... tudo retorna... Meio, começo e meio (Santos, 2023).

Sendo assim, não pretendemos encerrar a pesquisa aqui, mas deixá-la em aberto como rizoma que se expande em múltiplas direções. Continuará, porque é também um recorte menor de uma pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID/UFRB). Se as quatro *performances* ofereceram um mapa de possibilidades, caberá a cada educador e educadora de Ciências e Biologia inventar suas próprias linhas de fuga, seus próprios modos de fabulação.

A aceroleira é apenas uma entre tantas plantas que podem ensinar. O que importa é a disposição para escutar o território, envolver-se com suas forças vitais e produzir com ele mundos de vida. Assim, estas páginas não concluem, convidam a olhar: para os quintais, para as árvores esquecidas, para as frutas nativas. Convocam a fabular com o que a terra dá e a cuidar do que a terra quer. Acenam para um ensino de Biologia como arte do encontro e do reencantamento. No meio das ruínas, talvez seja esse o caminho: cultivar o ato simples de colher uma acerola e, com ela, aprender a adiar o fim do mundo.

## Referências

CASSALI, Jessica Pereira; GONÇALVES, Josiane Peres. Pós-estruturalismo: algumas considerações sobre esse movimento do pensamento. **Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 10, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/11344>. Acesso em: 9 jul. 2025.

DE SANTANA, Taize Matilde de; BISPO DE SENNA, Kelly; CARDOSO MATOS SILVA, Marcus Vinicius. O uso da Vitamina A, Vitamina C, Vitamina E na prevenção do envelhecimento da pele. **Revista Científica de Estética e Cosmetologia**, v. 2, n. 1, 2022. Disponível em: <https://rcec.com.br/journal/index.php/rcec/article/view/69>. Acesso em: 9 jul. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Cinzas como despotencialização da vida: currículo, corpo e educação em ciências em chamas. **ACTIO – Docência em Ciências**, v. 10, n. 2, 2025. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/19720>. Acesso em: 31 ago. 2025.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Ser ou não ser um produto? Eis a questão! por outros produtos educacionais e currículos menores pluriculturais. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 11, n. jan./dez., 2025a. Disponível em: <https://doi.org/10.31417/educitec.v11.2589>. Acesso em: 31 ago. 2025.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Signos artísticos e cotidianos escolares: por outros possíveis de currículo. In: RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva (Coord.). **“Sem lei nem rei, me vi arremessado”**: por outros possíveis de currículo. Painel Temático apresentado na 41ª Reunião Nacional da ANPEd, Manaus, 2023.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade**, vol. 28, n. 98, p. 73-95, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/syPBCCTQ76zF6yTDmPxd4sG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2025.

FREIRE, José Lucínio de Oliveira; LIMA, Antonio Nustenil de; FREIRE, Antonio Lucineudo de Oliveira; MARINUS, João Vilian de Moraes Lima; DIAS, Thiago Jardelino; SILVA, Juliana Pereira da. Avaliações biométricas de aceroleiras (*Malpighia emarginata* DC) e caracterização dos atributos externos e internos dos frutos. **Engenharia Ambiental – Pesquisa e Tecnologia**, v. 5, n. 2, 2008.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema:** fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARRAS, Stelio; TADDEI, Renzo (orgs.). **O Antropoceno:** sobre modos de compor mundos. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. (Encruzilhada).

MATSUURA, Fernando César Akira Urbano et al. Avaliações físico-químicas em frutos de diferentes genótipos de acerola (*Malpighia punicifolia* L.). **Revista Brasileira de Fruticultura**, v. 23, p. 602–606, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbf/a/7vXqvynd7xt3DN4jmqzMJdC/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2025.

RITZINGER, Rogério; RITZINGER, Cecília Helena Silvino Prata. Acerola. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 32, n. 264, p. 17–25, 2011. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/915423/1/AcerolaRITZINGERRogerio.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2025.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.  
TSING, Anna. **Viver nas ruínas:** paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Recebido em: agosto de 2025  
Aceito em: dezembro de 2025

Revisão gramatical realizada por: Saimonton Tinôco  
E-mail: saimonton.tinoco@academico.ufpb.br